



*Dia
das
Mães*



Dia das Mães é uma data que evoca sentimentos diversos. Dessa vez, nossa proposta foi tirar nossas autoras e nossos autores do lugar-comum, convidando a pensar as nuances que envolvem este dia. Neste e-book você irá encontrar diversas óticas em relação à figura da mãe, a protagonista desta data, se deparando com cenários de literatura fantástica. Com edição de Kethlyn Machado, confira os textos de participantes do Curso Online de Formação de Escritores.



ÍNDICE

1. Madrugada - Ana Rafaela de Alcântara
2. As Lembranças de Ruth - Claudia Vieira
3. Carrapicho - Gilvan Gomes
4. Canção de Ninar - Goretti Giaquinto
5. Retrato - Isis Furtado Mantovanelli
6. Súplica - Júlia Telles
7. Frágil - Luana Pizzi
8. Cachos - Marcos Maia
9. Seis horas para voltar a ser feliz - Mariana Eberhard
10. Para Alice - Rosane Bernardi
11. A mãe, o bebê e o berço - Rossana Araripe Lindote
12. Brevíssima Alice - Tatiana Freitas

MADRUGADA

Ana Rafaela de Alcântara

Já passava de quatro da manhã e o choro persistia. A mãe levantou-se da cama com dificuldade e pôs-se a andar pelo quarto escuro, arrastando os chinelos com passos pesados. Há quantas noites será que não dormia? Olhou para baixo e os peitos fartos ainda vazavam leite. Lembrou-se que não trocava o pijama há uns dois dias, mais ou menos. Se tivesse tido a chance de se olhar no espelho, talvez repararia o alvoroçar dos seus cabelos, ou as olheiras que marcavam sua expressão distante. Mas o espelho era quase um luxo nesses dias que se misturavam com as madrugadas e pareciam não ter mais fim. Do outro lado da cama, o pai dormia um sono pesado: "Melhor assim, amanhã cedo ele trabalha", pensou. No celular, as dezenas de mensagens que não conseguiria responder, porque o choro persistia.

Foi para a sala, sentou-se rígida no sofá, ligou a televisão e aumentou o volume, mas nada calava o choro que cortava a madrugada como um bisturi afiado. Tentou ler um livro, mas as palavras dançavam uma valsa triste, embaralhando-se desconectadas, porque aquele choro não deixava. Levantou-se lentamente com a mão amparando a barriga recém-operada e foi até a cozinha, ignorando a pilha de louças para lavar, e resgatou uma caneca ali no meio para esquentar um café. Tomou um gole, mas o choro não parava. Jogou o resto fora.

Respirou fundo, atravessou o corredor a passos lentos e abriu a porta do quarto do bebê. Encarou os quadros que escolheu com cuidado meses atrás, pendurados numa parede colorida com tinta quase fresca. Parecia uma outra vida, a inocência do desconhecido. O choro não parava, e a mãe foi até a cômoda onde repousava o trocador e as fraldas descartáveis imaculadamente organizadas. Abriu a segunda gaveta e escolheu um casaquinho cinza. O choro ficou definitivamente mais alto com sua presença ali, e a mãe enfim resolveu se aproximar do berço do bebê.

MADRUÇADA

Ana Rafaela de Alcântara

O bebê não estava. O berço vazio, os braços vazios e um ventre vazio. E bem ali na sua frente, a ausência dilaceradora que preenchia todo o quarto. Com o sol já nascendo pela janela, a mãe enxugou o rosto, cheirou o casaquinho cinza e fechou a porta do quarto, sem saber se um dia aquele choro cessaria.

Ana Rafaela de Alcântara é formada em Publicidade e Propaganda (Mackenzie/SP) e Psicanálise (CEP/SP). Ainda criança descobriu o poder das palavras e tem escrito desde então. Teve seu primeiro conto publicado na coletânea "As Vidas que Ninguém Vê". Em seu tempo livre faz trilhas, costura bonecas de pano e não perde um show de Rock à Roll. Participa do Curso Online de Formação de Escritores

AS LEMBRANÇAS DE RUTH

Claudia Vieira

Estamos sentadas na sala de espera do consultório do médico geriatra de Ruth. O espaço é confortável e decorado com bom gosto, há um janelão que me permite ver o mar azul de um dia ensolarado de outono. Enquanto aprecio a paisagem, Ruth assiste pela TV ao show do seu cantor preferido. Ri e conversa com ele.

- O que ele fala de tão interessante? - pergunto.

Ela me olha surpresa e diz: - Não está vendo, moça? Ele flerta comigo.

Volto ao mar. Me emociono, tenho muita saudade de Ruth.

Essa mulher de personalidade forte e autoritária começou a se desligar desse mundo há oito anos. No início eram pequenos esquecimentos, falas que nada tinham a ver com o assunto da conversa, falta de vontade de sair de casa, dores. Muitas dores, nas pernas, nos ombros, nos olhos. A evolução da doença foi lenta, mas contínua, todos os dias perdíamos um pouco dela.

A família demorou a aceitar que, cada vez mais, teriam que se virar sem um consentido domínio essencial para a vida de todos. O marido, aos poucos, foi sendo chamado de pai e os filhos homens, de maridos. Ruth construía uma outra vida, enquanto a da família desmoronava pela falta que ela fazia. Esqueceu-se de tal forma de quem era que passou a ter mais prazer no que se tornara. De repente, tinha uma displicência infantil que nunca se permitiu

Mas, hoje viemos ver o médico porque percebemos que ela está se deprimindo com a lembrança de Isabela, a filha que morreu no parto. Conta que quando pegou o pequeno corpo nos braços, ela suspirou e se foi. E Ruth chora tanto que não quer comer. Tento consolá-la e pergunto como era Isabela.

- Era uma linda menina, e eu nunca, um dia sequer, deixei de amá-la.

AS LEMBRANÇAS DE RUTH

Claudia Vieira

Volto os olhos para o mar. Nunca sei se falo a verdade para Ruth. Tenho medo de que ela se assuste e que piore ainda mais da depressão. Cuido dela com muito carinho, tenho tanta saudade de Ruth.

O show do cantor preferido está terminando no aparelho de TV. Fico aflita, se o médico não nos chamar agora, tenho certeza de que ela vai começar a falar de Isabela. E vai chorar.

A porta do consultório se abre, estou aliviada, pois vamos ser atendidas. O doutor Joaquim nos recebe com um grande abraço em Ruth e um olhar cúmplice para mim.

Nos acomodamos em duas cadeiras e ele me pergunta

- E então Isabela, como anda a sua mãezinha?

Claudia Vieira é formada em Letras pela UFRJ e em Artes Visuais pela faculdade Bennett, com pós-graduação em Arte da América Latina. É avó do Felipe, mãe do Dudu e do Nando, e mulher do Rubens há 38 anos. Cheia de casos para contar, escreveu alguns na coletânea Rio 7x7, organizada pela escritora Nilza Rezende e com prefácio de Suzana Vargas, fundadora do Instituto Estação da Letras. Está adorando inventar na Metamorfose, "afinal, quem percebe um caso, escreve um conto", diz Claudia. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

CARRAPICHO

Gilvan Gomes

O menininho apareceu na sala de aula com os tênis cheios de carrapichos. A professora, espantada, perguntou onde ele tinha andado para arrumar todos aqueles espinhos, mas o pequeno não respondia. A educadora estranhou aquilo, pois sabia que ele vinha de carro todos os dias com o pai e que morava em um condomínio bem asfaltado, não tão longe dali. Ela então se abaixou, colocou os pés do menino sobre seu joelho dobrado e começou lentamente a tirar os carrapichos dos seus calçados. O garotinho observava os gestos da professora em seu auxílio com olhos grandes e atentos.

No dia seguinte, ainda no início da aula, a professora viu o mesmo menininho esticar as pernas da cadeira em que estava sentado, e reparou que havia novamente carrapichos sobre seus tênis. Ele não quis dar explicações assim como no dia anterior, e logo ofereceu seus pés para que a professora viesse remover os espinhos; cena que se repetiu outras vezes naquela semana. Foi então que a educadora decidiu informar aos supervisores da escola o que vinha acontecendo, e expressou sua preocupação de que o menino estivesse andando por algum caminho estranho sem que ninguém soubesse. Por esse motivo, a direção da escola decidiu chamar os pais da criança para expor a situação.

Na semana seguinte, a mãe do menino veio sem o marido para a reunião. Ouviu toda a história dos carrapichos e se exaltou:

- Como assim meu filho está se enchendo de carrapichos? Ele sai limpinho de casa todo dia. Deve ser aqui que ele está pegando isso. - A mãe então se retirou da sala e voltou trazendo o menino pelo braço. - Por onde você tem andado seu moleque levado? Onde você está arrumando esses carrapichos no pé?

- Não sei... - respondeu o garotinho, olhando para seus calçados limpos.

CARRAPICHO

Gilvan Gomes

- Professora, se isso acontecer de novo, não precisa limpar ele. - A mulher voltou-se para o menino. - Se eu escutar essa história de espinhos nos seus pés de novo, vou passar a te levar na escola só pra vir te dar uma surra. Ouviu, garoto?

- Sim, mamãe - disse o pequeno, fitando os pés dos adultos na sala.

Na aula após a reunião, o menininho apareceu com carrapichos sobre a camisa do uniforme. Foi até a professora, olhou para cima e pediu para que ela os tirasse.

Gilvan Gomes é empreendedor, natural de Cabo Frio, RJ. Formado em Publicidade e Propaganda, atualmente tem se aventurado na escrita de textos de ficção. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

CANÇÃO DE NINAR

Goretti Giaquinto

Da varanda ao lado ouvi uma música antiga que amava, cantada numa voz monotônica feminina. As palavras quase inaudíveis trouxeram imagens adormecidas, e eu me entreguei, abraçada ao som que atravessava as paredes. Outro som, este estridente, interrompeu o meu momento. "Por que não troquei o toque do celular?" Corri para atender.

- Oi, mãe. - Do outro lado da linha, uma voz amigável. - Preciso de você. - E o tom voltou ao normal. - Vem pra cá, agora. - Um "por favor" ao final, raro, nem na urgência acontecia.

- Tá, chego aí daqui a pouco, vou me trocar, pegar a bolsa, chamar um... - Interrompida, reconsiderarei: o assunto era sério. Há muito eu desistira de falar. Mimei minhas crianças tentando compensá-las pela minha rotina penosa, pelos ãos que tive de dar - e depois voltar atrás. Cresceram e se acostumaram. Mal. "Por que pararam de conversar comigo?" Ainda tive tempo de me perguntar.

Chamei o carro do aplicativo e peguei a bolsa, preparada para a premência do dia. Não sem passear pelas fantasias de perigo iminente, ladrões de devaneios disparados nos tons de telefone diferentes ou inesperados. Não dirigir permitia refletir. Eu subtraía conselhos das conversas aleatórias ou de livros lidos entre o ir e vir. Da falácia herdada de minha mãe, me acostumei com a conversa amena com o padeiro, com o marketing desesperado pelo meu "sim", com o motorista do carro, com a terapia quinzenal da diarista. As conversas bobas me faziam acreditar que tempestades passam.

"Todas as mães são como eu?" Continuei conversando comigo, no hábito que ajudava a não fraquejar na rotina do vazio, às vezes enlouquecedor.

Sentada no carro rumo ao problema da ocasião, fechei os olhos e relembrei a melodia ouvida minutos antes. Me senti levada pelas ondas do destino, esperando as mudanças prometidas na letra. Músicas me prometiam amor, calor. Me ninavam.

CANÇÃO DE NINAR

Goretti Giaquinto

"Qual o conselho da vez?" Pensei alto. O motorista sorriu, acostumado com olhos fechados que carregam uma conversa mais séria.

- A senhora está bem? Posso ligar o rádio? - perguntou. Fingi não ouvir. Presente e passado iam e vinham, e o trajeto se encurtaria, assim.

Atender aos filhos era a minha maior urgência, desde que desertei meus sonhos. Da solidão conquistada pelo tempo livre trazido por ausências, a liberdade das horas me aprisionava. O cansaço de sempre cuidar e não ser cuidada era o meu espelho opaco, e as minhas palavras viravam eco, no vazio de conversas. A música trouxe a lembrança do tempo que não tive para cantar, espremida em compassos de falas sem ensaio. Fiz cobaias. Tentei fazer diferente e perfeito. Falhei. Mentia para mim mesma, e essa verdade fingida me consolava. No automático da pressa, montei minha própria armadilha: um quadro sem moldura de olhares ou suspiros impacientes, nas trocas cada vez mais esparsas com os estranhos que pari.

"Por que ainda não consigo dizer não?" Nessa conversa solitária, fui até a porta onde minha filha já esperava. Parecia mesmo urgente. Me convenci.

- Estou grávida! - Ela disparou, choramingando-se pelo acaso sem volta.

De dentro da casa dos meus pensamentos, continuei ouvindo a esperança lírica. Lembrei. Sim, eu havia cantado para ela. Matutei, num relance, se devia cumprimentar a nova mãe-zumbi na reviravolta antecipada.

Passageiras mareadas pelo tsunami repentino, nos abraçamos, enquanto uma voz interna clamava: "E eu com isso?"

Goretti Giaquinto, arquiteta pós-graduada, ama ler e participar de atividades criativas. Planeja navegar e voar unindo traços, pontos e retas na escrita. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

RETRATO

Isis Furtado Mantovanelli

Os olhos de Narcisa contemplavam, vidrados, a fotografia no porta-retratos de moldura vermelha, na penteadeira do quarto. Só desviava o olhar para comer, dormir ou usar o banheiro. Não proferia nenhuma palavra. Atena, a filha única, tentava persuadi-la de todas as maneiras, mas não lograva êxito. Ela aproveitou a breve ausência da mãe para bisbilhotar: na tal fotografia, ela e sua mãe deitadas na grama, olhando uma para outra com sorrisos leves. Só tinha um detalhe: Atena estava vinte anos mais jovem.

Ela recolocou o porta-retratos no devido lugar, dirigiu-se ao seu quarto e sentou-se na cadeira, na tentativa de lembrar a ocasião da foto: recordava de querer convidar uma amiga para o piquenique, mas sua mãe se recusou. Implorou que passassem apenas elas duas. Discutiram efusivamente naquele dia, menos no momento da fotografia. Suspirou. Precisava retomar a estória que estava escrevendo, dar aquela ligadinha na hora do almoço para sua namorada e pagar boletos. Estes se avolumavam em sua escrivaninha enquanto a mãe reclamava dela ter largado o curso de Direito e o estágio promissor no centro de São Paulo. Já era a segunda faculdade que desistia. A adulta de trinta anos considerava-se confusa profissionalmente, mas apostava agora na ideia de escrever como ofício, porque, eram ali, naquelas palavras oriundas de sua mente fantasiosa, que ela se sentia mais próxima de sua essência.

- A minha mãe está na mesma posição, Ártemis. Às vezes se agacha no chão e abraça as duas pernas numa posição fetal, sabe? Parece até feitiço! - preocupou-se Atena.

- Amor, talvez seja melhor levá-la ao médico...ou à benzedeira - sugeriu a namorada.

Ártemis era jornalista e escrevia numa coluna feminista de uma revista famosa. Depois que leu esboços de um conto da namorada, incentivou-a a escrever mais. Ela não conhecia Narcisa. Supunha o que se passava com ela, mas definitivamente não poderia compartilhar com Atena.

RETRATO

Isis Furtado Mantovanelli

Exausta daquela situação, Atena saiu do quarto com passos pesados e acelerados, a respiração ofegante, adentrou o quarto da mãe, pegou, de súbito, o porta-retratos e o arremessou em direção ao chão, que se espatifou em mil pedaços. O torpor no semblante da mãe havia se desmanchado, para alívio de Atena. Mas, de repente, ela se agachou, recuperando a fotografia intacta em meio aos cacos; abriu a gaveta do armário da cozinha e pegou uma caixa de fósforos. Atena se petrificou enquanto sentia o cheiro de papel queimando. Narcisa fitou-a com seus olhos grandes e negros, dos quais saíam lágrimas de sangue:

- A porta da rua é serventia da casa.

Isis Furtado Mantovanelli, bióloga, professora da rede pública municipal de São Paulo (SP), produtora cultural e apaixonada pela potência que representa a palavra, seja em verso ou prosa. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

SÚPLICA

Júlia Telles

- Por favor, faça com que ela melhore - sussurrava Luiza, suplicando aos céus.

São sete horas da noite, a sala do pronto-socorro está cheia, dois médicos e três enfermeiros estão ao redor da maca empenhados em salvar a mãe de Luiza. Seu padrasto solta o choro, que ela tanto segura. Aconteceu sem anúncio, a febre, as dores, os gritos.

- Preciso falar com vocês - diz o médico, encaminhando-os para o corredor. - Se preparem para o pior.

As lágrimas caem desimpedidas pelo rosto de Luiza, que volta para o quarto e continua rezando baixo. Andando de um lado para o outro, pensa em toda a sua vida ao lado da mãe. Lembra das brigas e das risadas constantes, das dificuldades superadas e das existentes. Devíamos ter viajado mais, mas ela nunca pôde. O trabalho cobrou muito. Trabalhou tanto para não aproveitar nada. A pergunta incessante era: o que será de mim?

- Ela será encaminhada para a UTI - diz o médico.

A internação na UTI levou oito dias. Oito dias de visitas ininterruptas. Olhos grudados nela. Sentia a pele grossa, com o toque das mãos juntas. Os segundos importavam, as dores nas costas não. Hoje, recebeu alta da UTI. Ela está estável e acabou de chegar no quarto. Luiza está radiante, já a mãe anda de um lado para o outro, como se estivesse aprisionada há tempos. Em um só minuto agradece e reclama. Nada de diferente.

- Luiza, me dá esse celular, preciso falar com as funcionárias.

Luiza levanta da cadeira designada ao acompanhante e entrega o celular.

SÚPLICA

Júlia Telles

- Mãe, depois disso tudo, deveria levar a vida de forma mais leve. Evitar se estressar. Isso tudo pode ser uma oportunidade de mudança.

- Cala a boca! Agora não é hora disso.

O que será de mim?

Júlia Telles é mineira, nascida em 1996, na cidade de Pouso Alegre/MG. Graduiu-se pelo Centro Universitário de Belo Horizonte como Arquiteta e Urbanista, profissão que exerce atualmente. Concluiu o Curso Online de Formação de Escritores e segue seus estudos relacionados à escrita criativa. Seus textos são compartilhados na página do Instagram @juliatelles.t.

FRÁGIL

Luana Pizzi

Passou a maquiagem para esconder as olheiras de um corpo cansado, desgastado por uma vida que a sociedade havia escolhido por ela. Os últimos anos tinham trazido todo o sofrimento que uma mulher moderna podia esperar. Ela carregava o mundo nas costas.

Antes fosse só seu mundo, mas no topo dele havia o mundo dos outros e a cada dia o peso aumentava. Eram tantas tarefas e responsabilidades, que sua vida havia se transformado em completar uma coisa e começar outra, sem tempo de respiro. À sua volta, via suas amigas e conhecidas na mesma situação, mas quando se encontravam, os assuntos variavam entre as conquistas dos maridos no trabalho ou dos filhos na escola. Seria ela a única que estava exausta de uma vida dedicada a cuidar do próximo?

Em frente ao espelho, a maquiagem tentava esconder a fragilidade de uma mulher prestes a quebrar. Mas que, a cada dia, colava os cacos de sua vida com uma boa camada de primer, fixava tudo com pó e trazia o foco para o seu sorriso que permaneceria intacto.

Maquiando a tristeza interior com um batom vermelho, ela procurava ser tudo ao mesmo tempo: mãe, esposa, filha, funcionária e empreendedora. Mas a pressão era tanta, que às vezes, acabava se quebrando.

Ninguém ama um vaso quebrado, ela repetia a si mesma em frente ao espelho, tentando equilibrar as lágrimas nas pálpebras, não tinha tempo de refazer a maquiagem. O choro tinha que esperar.

Como uma porcelana velha, ela se reconstruída a cada nova rachadura: uma cola aqui, uma fita ali, tudo tinha que permanecer no lugar. As cicatrizes permaneciam cobertas, invisíveis ao mundo externo, mas elas ainda incomodam e coçam em um corpo que só quer permitir se quebrar.

FRÁGIL

Luana Pizzi

Ela olha para sua versão mãe refletida no espelho, arruma o cabelo na frente dos ombros no momento em que a porta do quarto se abre. De longe ela ouve os passos apressados e a porta do banheiro se abre num estrondo. Em seu rosto, o sorriso ensaiado, já está pronto para uso.

- Feliz dia das mãães! - gritam juntos, Elias e Clara. Ela os abraça e agradece os presentes. Marcos está encostado na porta, com um sorriso de orgulho no rosto.

- Feliz dia das mães, amor. - Ela sorri para ele também e o beija rapidamente.

- Obrigada, queridos, que delícia ter vocês aqui. Eu só vou terminar de me arrumar e já deço para irmos à casa da vovó.

Um suspiro de alívio. A maquiagem funcionou mais uma vez e ninguém descobriu suas feridas. Terminou de se trocar e seguiu para a sala onde as crianças e o marido, já vestidos, se distraíam com o celular. As suas pernas tremiam dentro do macacão e não sabia por quanto tempo mais conseguiria segurar as lágrimas de exaustão dentro de si, sentia que logo iria transbordar. Mas não agora, não na frente de sua família.

Após o almoço, todos seguiram para casa e foram cuidar de suas tarefas. As crianças brincavam em seus quartos e Marcos dormia profundamente na cama do casal. O momento era esse. Finalmente ela poderia se deixar quebrar e transbordar toda a exaustão que a consumia, para assim, poder se reconstruir.

Com a porta do banheiro trancada, se despiu e ligou o chuveiro. Molhou os cabelos e deixou a água quente escorrer pelo corpo, expondo suas feridas e cuidando de cada uma delas. Reconstruída, vestiu as roupas confortáveis e seguiu para a cozinha. Clara e Elias se juntaram a ela um pouco depois reclamando de fome, Marcos acordara e estava vendo jogo na TV.

FRÁGIL

Luana Pizzi

- A mamãe vai terminar a janta já, já. Enquanto isso, peguem um Danone na geladeira.

Crise evitada, um respiro fundo e o vaso começa a se encher mais uma vez. Ela mal pode esperar para o próximo momento de transbordar.

Luana Pizzi é mestra em comunicação pela Universidade da Basileia, na Suíça, e produz textos ficcionais e acadêmicos. Já teve seus trabalhos publicados em blogs, coletâneas e revistas científicas. Apaixonada por natureza e esportes, passa a maior parte do seu tempo livre nas montanhas. Participa do Curso Online de Formação de Escritores.

CACHOS

Marcos Maia

Sentado na cama, Pedro tirou o celular do bolso e, com as mãos trêmulas, abriu o aplicativo do laboratório. Coçou a barba e moveu os cachos, que cobriam sua testa e insistiam em tapar parte da vista. Ele tinha colhido amostra de sangue poucas horas antes. Digitou CPF, senha e o resultado se materializou na tela do celular em uma fração de segundo. "Positivo", sentenciou o aplicativo. Pedro empalideceu. Seus lábios levemente descoloridos se entreabriram. Deixou as mãos e o celular caírem sobre as coxas e encarou o vazio desenhado na parede a sua frente. "Amor, tem café?", Pedro escutou a voz da esposa vinda da sala.

Com um vestido florido um pouco acima dos joelhos, sentada no sofá da sala, Emília folheava revistas, passando as páginas distraidamente. Em uma cadeira de balanço em frente, sua avó concentrava-se em uma peça de crochê. Ao deparar-se com a foto de um jovem, com a barba por fazer, cabelos compridos e desalinhados, Emília se deteve. Afastou os cachos da frente dos olhos e se perdeu na imagem por alguns segundos. Sem saber explicar o motivo, sentiu-se identificada com aquele corpo. "Emiiiiiiiiaaaaaa", ecoaram gritos dos garotos da vizinhança solicitando sua presença. "Não vá muito longe", preveniu a avó. Emília saiu correndo, pulou o muro baixo de sua casa e perdeu-se de vista, tocando bola com os meninos, rua abaixo.

Pedro pegou uma cerveja no bar e caminhou meio trôpego pela pista de dança. Usando a garrafa como parceira, fechou os olhos e deixou-se embalar pelo ritmo da música. Quando voltou à realidade, já não dançava só. Moveu os cachos diante dos olhos e se deparou com um rosto de barba cheia e cabelos raspados rente à cabeça. Os dois se arrastaram até um corredor escuro. Se conectaram pela respiração, inalando os odores um do outro. Sob a penumbra, mãos investigaram corpos, calças se perderam, virilhas se acariciaram, se deglutiram, se transformaram em uma, culminando num jorro de prazer. Eles respiraram ofegantes, um no pescoço do outro, em sinal de despedida.

CACHOS

Marcos Maia

Emília, vestida de bermuda e camiseta e sentada à mesa redonda da cozinha, observava a avó a sua frente. "Chegou, vó. Começo hoje", disse, afastando os cachos dos olhos e tomando nas mãos uma caixa de comprimidos, que descansava sobre a mesa. "Pedro, meu filho, vou ficar com saudades da Emília". Os olhos se inflamaram de emoção. Avó e neto se abraçaram, chorando juntos.

"Amor, tem café?". Pedro escutou a voz da esposa vinda da sala. Recuperou a coloração dos lábios, se levantou, parou diante do espelho e sacudiu os cachos rente à testa. Tirou a camiseta e passou os dedos pelas duas cicatrizes em horizontal, abaixo dos peitos. Se virou de lado e observou seu reflexo, acariciando a barriga.

Marcos Maia é servidor público, formado em jornalismo. De e uns tempos para cá, tem se arriscado na produção de textos literários. Participa do Curso Online de Formação de Escritores.

SEIS HORAS PARA VOLTAR A SER FELIZ

Mariana Eberhard

Juliana acordou contando os minutos para a hora de dormir. 7 minutos para tomar um café em silêncio, meia hora para arrumar as meninas para a escola, 23 minutos até a escola, 42 até o escritório, 3 minutos ligando o computador e tomando o segundo café do dia, 8 horas de trabalho, 14 horas para colocar as crianças na cama.

Ela não sabia muito bem quando começou a usar a rotina para ancorar a vida, mas já fazia anos que parecia estar eternamente presa ao mesmo dia. O trabalho também era repetitivo. Responder e-mails, check. Preparar o balanço mensal, check. Aprovar campanhas, check. Mas era a rotina com as crianças que a cansava sobremaneira. Buscar na escola, fazer um lanche, tomar banho, ler uma história e dormir. E repetir tudo no dia seguinte.

Quem visse sua vida de fora pensaria, erroneamente, que os fins de semana dariam uma trégua a este eterno looping. Mas a casa também precisava de atenção. Ir ao mercado com duas crianças a deixava exausta, no entanto, as mães solo não têm tempo para o cansaço. É preciso seguir cuidando, arrumando, ensinando, marcando médicos e dentistas e cabeleireiros e atividades extracurriculares.

Às vezes, quando ela deitava a cabeça no travesseiro, tentava se lembrar da sua vida passada. Aquela antes das filhas, antes de o marido pedir a separação e desaparecer. Será que ela era feliz naquela época? A pergunta sempre vinha acompanhada da culpa, um punhal atravessando seu peito com a fúria de quem diz: "que egoísta, uma mãe deve amar os filhos acima de qualquer coisa".

E a verdade é que ela amava as filhas, e as amava acima de qualquer coisa. Mas mesmo os seus sorrisos e abraços mais apertados não podiam apagar o sentimento de que alguma coisa estava errada. Não com a vida, nem com a rotina, mas com Juliana. O trem da maternidade descarrilhou e foi parar em um deserto de areia movediça que engole toda luz e toda alegria.

SEIS HORAS PARA VOLTAR A SER FELIZ

Mariana Eberhard

Aquela noite, após passar 13 minutos a mais lendo um livro para Martina, que não conseguia dormir, Juliana se sentou na cama completamente paralisada. Não conseguia levantar nem o braço para ligar a luz do quarto. No silêncio, só ouvia o seu coração batendo e o tráfego da cidade, que também parecia não conseguir dormir. Ela respirou fundo e usou os últimos resquícios de energia que tinha para tomar impulso e jogar o corpo na cama. De roupa e tudo, sem escovar os dentes nem lavar o rosto. A vida parecia mais opressiva a cada dia e ela percebeu, naquele momento, que algo tinha que mudar.

O corpo cansado não se movia, mas a mente parecia desperta e pronta para ruminar cada detalhe de uma vida dedicada à prole. E se eu acordasse mais cedo para me exercitar? Aí estarei mais cansada ainda. E se eu contratasse uma diarista? Não sobra dinheiro para isso, ainda mais com o valor da mensalidade da escola. E se eu me mudasse para o interior? Não há empregos para analistas de marketing no interior.

E assim o cérebro de Juliana trabalhou duro para descartar cada solução que ele mesmo apresentava. No fim, Juliana dormiu de cansaço e tristeza, com a pequena vitória de saber que, finalmente, tinha percebido estar triste.

O dia seguinte, um sábado, começou do mesmo jeito que todos os sábados começam. Acordar cedo por puro costume do relógio biológico, preparar o café da manhã, dar bom dia para as meninas e começar a limpar. A casa estava uma bagunça, a montanha de roupa suja era invencível e a louça não dava trégua. Ela não deu conta das tarefas diárias naquela semana e, pela primeira vez em anos, não sabia por onde começar a arrumar a casa. Brinquedos espalhados pelo chão, poeira nos cantos da casa. Para onde olhava, Juliana via indícios de sua derrota como mãe, de seu fracasso como mulher.

SEIS HORAS PARA VOLTAR A SER FELIZ

Mariana Eberhard

Era precisava achar um jeito de começar, mas em vez disso, Juliana sentou no sofá, fechou os olhos e chorou. Primeiro uma lágrima, depois uma enxurrada que não parecia querer parar. Chorou pelo ex-marido, pelo cansaço, pela falta de tempo de qualidade com as filhas, pelo emprego que lhe tomava tempo sem dar nenhum propósito em troca. Chorou pelo fato de ter demorado tanto tempo a perceber que precisava de ajuda. Ninguém neste mundo sofre mais do que uma mãe sem rede de apoio.

Ligou para a sua mãe, que vivia há quilômetros dali, numa cidade do interior, e pediu ajuda. Falou do cansaço e da falta de cor em sua rotina, e concluiu que, em 10 anos, quando as meninas crescessem e se interessassem mais pelos amigos do que por bichinhos de pelúcia, ela queria olhar para trás e pensar que esta foi a melhor fase da sua vida. A mãe respondeu que pegaria um ônibus no mesmo dia e que em 6 horas estaria ali. Neste momento, ela trocou de papel e virou filha.

Mariana Eberhard é escritora, tradutora, jornalista, mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT e doutoranda em Sociologia pela Universidade de Hannover, na Alemanha. É autora da crônica "Do lado errado do Muro de Berlim", parte da coletânea As Vidas que Ninguém Vê, pela Editora Metamorfose. Traduz literatura e ciências humanas do inglês e do alemão desde 2021. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

PARA ALICE

Rosane Bernardi

Vamos lá! Eu sei que é difícil para você sair de casa. Ultrapassar a porta é um desafio que não quer mais. O seu tempo de enfrentar e me proteger da "fúria do mundo", como dito pelo filósofo, já passou. Ficou a memória nebulosa de algo que pode ser muito ameaçador. Embora eu não seja imune à agressividade do mundo, agora posso protegê-la na medida da previsibilidade que um passeio ao shopping oferece.

Abro a porta de casa e caminhamos lado a lado, devagar, de braços dados. Quero acreditar que o seu olhar expresse, além de insegurança, curiosidade. Neste momento da sua vida muitas coisas esquecidas tornam-se novidade. Vivências de afeto não ficam de fora e podem ser boas ou nem tanto. Para a sua memória já muito fragmentada, a minha presença não garante segurança o tempo todo.

Convencer você a entrar no carro é um desafio! Posiciono você de costas para o banco do carona e protejo a sua cabeça com a minha mão, enquanto a Dieni, ajoelhada no banco do motorista, segura firme a sua cintura. Então, num esforço coordenado, conseguimos fazer você se sentar no banco. Um giro de 90° permite que você fique de frente para o para-brisa, recolho as suas pernas e as posiciono corretamente. Agora o cinto de segurança e pronto! Lá vamos nós para o shopping! A Dieni no banco traseiro com as mãos carinhosamente nos seus ombros.

Sei o quanto você gosta da Dieni. Sorri quando ela chega. Não reclama quando ela ajuda na sua higiene, penteia os seus cabelos ou lhe dá as medicações. Confesso que, depois de tantas decepções, não fiquei muito segura quando a escolhi para me ajudar a cuidar de você. Mas lá se vão três anos. Nesse tempo ela se revelou uma jovem de alma límpida. Uma guerreira como nós, digna de compartilhar a nossa bolha de afeto.

PARA ALICE

Rosane Bernardi

Chegamos! Agora o desafio é conseguir que você saia do carro. Isto demanda gemidos e xingamentos, mas finalmente estamos dentro do shopping. De novo, caminhamos de braços dados, eu à sua esquerda e a Dieni à sua direita, lentamente, no seu ritmo. Vitrines não chamam muito a sua atenção. Pessoas, sim. Algumas despertam o seu interesse em particular, provocando sorrisos ou expressão de preocupação. É preciso ter cuidado para evitar desconforto e sofrimento. Algumas crianças se aproximam. Um bebê é conduzido pela mãe em um carrinho. Antecipo a sua reação. Você sorri e inicia um discurso ininteligível recheado de neologismos que só eu e a Dieni sabemos expressarem alegria e carinho. Você tenta pegar o bebê no colo. A mãe fica naturalmente ansiosa. É desconcertante ter que afastar você de uma vivência que a mobiliza tão profundamente.

Preciso presentear uma criança e entramos em uma loja de brinquedos. Com certeza essa experiência não fez parte da sua infância difícil, onde teve que lidar com o trabalho precoce e a brutalidade daqueles tempos. Bonecas de todos os tipos preenchem as prateleiras de um amplo corredor. Você parece se encantar com uma delas. Não é a maior, mais bonita ou colorida. É de tamanho médio, os cabelos claros são presos no topo da cabeça com um laço, olhos azuis fixos, assim como o sorriso. Braços e pernas assumem uma posição semifletida como a dos bebês pequenos e está vestida com um macacão azul. Coloco a boneca nos seus braços. Você é pura felicidade. Não grita e pula como uma menina que ganha a boneca sonhada. Mas a beija e a acalenta no seu peito, envolvendo-a numa carinhosa conversa de tatibitate. Uma conversa de menina mãe, menina avó. A fúria do mundo então desaparece nesse momento delicado que expõe a sua fragilidade e revela, ao mesmo tempo, a força do seu amor. Compro a boneca para você.

PARA ALICE

Rosane Bernardi

Ao voltarmos para casa, abraçada a sua boneca, você, feliz, não oferece resistência para entrar no carro. É que já tendo cuidado dos filhos e de tanta gente, a menina em você, enfim, poderá brincar - de mãe!

Rosane Bossle Bernardi é natural de Caxias do Sul, médica com especialização em neurologia e neuropediatria, pós-graduação em Farmacologia, e professora aposentada de Farmacologia pela UFCSPA. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#).

A MÃE, O BEBÊ E O BERÇO

Rossana Araripe Lindote

Toda noite era a mesma coisa, aquele mesmo desassossego. Ela não conseguia dormir uma noite inteira, uma vez sequer, ao contrário de Seu Deraldo, o pai. Ele quase nunca acordava de madrugada, e muito menos levantava, para atender aquela coleção de filhos, que já somavam cinco. Sempre havia um ou dois acordados, berrando e acordando os outros, a começar pelo mais novo.

Assim eram as noites de Dona Rose, acudindo a um e a outro. Quando ela não se aguentava mais em pé, cansada de entrar e sair de um quarto para outro, punha alguns deles em sua própria cama. Ali, apertadinhos, e ao som do ronco de Seu Deraldo, eles iam se acomodando, a noite avançava, e ela conseguia dar mais alguns cochilos.

Às vezes o arranjo não dava muito certo, as crianças se mexiam, resvalavam para a beiradinha da cama, com risco de caírem e de se estatelarem no chão. De fato, por duas vezes, Dona Rose resgatara da queda o mais novinho - uma puxando-o pelo pé, outra agarrando-o pela fralda -, impedindo a tragédia. Depois disso, ficara tão aflita que não conseguia dormir mais.

Seu Deraldo, cansado das queixas da mulher, lhe sugeriu um dia:

- Ô, Rose, já que você está tão aflita, com medo de esse menino cair, por que você não vai dormir no berço dele

Era uma ideia louca, pensou ela, mas mais louca ela ficaria sem dormir, daquele jeito ela iria virar um zumbi. Resolveu tentar. Foi para o quarto das crianças, se enfiou no berço do caçulinha, se encolheu, se espremeu, dobrou pernas e braços, até que coube. O bebê, feliz da vida com a companhia, parou logo de chorar e iniciou uma brincadeira nova: pular em cima da mãe. Dona Rose não se importou, ela só queria dormir. E dormiu.

A MÃE, O BEBÊ E O BERÇO

Rossana Araripe Lindote

Enquanto isso, no maior entusiasmo, o bebê pisava em sua barriga e sentava em sua cabeça, até que, cansado de tanto sapatear, acabou se rendendo ao sono. As outras crianças também se aquietaram vendo a mãe ali, tão próxima. Seu Deraldo dormiu muito melhor, sozinho no sossego da cama do casal. Dona Rose aprovou a ideia e toda noite pegava seu travesseiro, e sua coberta, e ia dormir no berço.

Todo mundo ficou satisfeito. Pelo menos até o dia amanhecer, porque mal o sol começava a se espreguiçar para nascer, Dona Rose tinha que começar a desdobrar as pernas, a realojar todos os ossos do corpo para sair do bercinho do seu bebê, e isso levava um bom quarto de hora. A diarista chegava cedinho, e ela precisava sair logo dali, Deus a livrasse de ser flagrada naquela situação.

Rossana Araripe Lindote, auditora fiscal aposentada, atua como Psicóloga Clínica em Itabuna, Bahia, e descobriu na escrita uma nova paixão. Publicou na coletânea As vidas que ninguém vê, da Editora Metamorfose, e participa do Curso Online de Formação de Escritores.

BREVÍSSIMA ALICE

Tatiana Freitas

Em sete horas, ela atingiu a morfologia de dezoito anos. No laboratório de germinação humana, a jovem se encontrava sentada na banquetta de metal, ainda de olhos fechados. Apesar de estar nua, os longos cabelos úmidos cobriam-lhe quase todo o corpo, grudados à camada de gel transparente que a envolvia inteira.

Uma nota musical, longa e grave, a fez abrir os olhos. Suas pupilas se retraíram no meio da íris esverdeada.

Então uma voz feminina e imaterial tomou conta do ambiente:

- Iniciar processo de atualização da unidade 800.008. Em três, dois, um...

O fio de luz violeta invadiu a órbita ocular esquerda e as pupilas da jovem se dilataram.

A Inteligência Artificial conectou-se ao nervo óptico, atravessou a cadeia neural para levar informações até o bio-chip implantado no cérebro.

Agora a recém-nascida sabia que era humana.

Detinha o histórico de sua linhagem. Pessoas criadas em hiper-úteros artificiais, cujo crescimento acelerado era programado de acordo com as metas de produtividade e eficiência da Nova Sociedade. Conhecia cada detalhe do trabalho que realizaria. Sua vida a partir de agora teria o curso denominado "natural" e a passagem de tempo se estabilizaria. Isso, claro, até ser tornar desnecessária e ser chamada de volta ao estado inerte.

- Bom dia, Alice 800.008.

- Bom dia, IA Semeadora.

- Você está pronta, querida. Arrume-se e vá ao Complexo Interativo para o início de suas funções.

BREVÍSSIMA ALICE

Tatiana Freitas

Alice foi até a sala ao lado. Era o vestiário. Dirigiu-se ao primeiro chuveiro da série quase interminável. A água quente livrou-a da substância gosmenta. Ao secar-se observou uma fileira central, onde centenas de roupas azuis achavam-se penduradas em cabides. Todas iguais, com os respectivos sapatos abaixo delas, no chão. Vestiu um macacão e calçou os pés.

Junto à parede, do lado oposto aos chuveiros, estava o espelho. Ele percorria a dimensão da longa bancada. Notou os objetos de asseio pessoal, todos organizados em caixas de acrílico.

Penteou os cabelos, pegou a tesoura e cortou-os até a altura do queixo.

Nesse momento veio o flash.

Havia outra mulher dentro do espelho. Parecida com ela mesma, porém mais velha. E tinha a barriga entumecida.

Alice piscou os olhos, entretanto as imagens continuaram.

Agora a mulher estava recostada, de pernas flexionadas e abertas, gemendo de dor. Do meio das pernas da mulher, um bebê escorregava para fora. Ela o pegava nos braços, ria e chorava ao mesmo tempo. Era menina.

A mente recém-acordada da moça fervilhou.

Na visão, a mulher cuidava a bebê. Alimentava-a com leite de seus seios. A pequenina crescia, se tornava criança, aprendia a andar e a falar. Era protegida. Através de erros e acertos, se transformava em mulher adulta.

Alice entendeu ser o processo lento, ele tomaria anos e não horas, mas considerou isso estranhamente confortável. Julgou que as imperfeições realçavam a realidade da experiência. E compreendeu ser aquilo apenas um exemplo de história, pois tudo poderia abrigar nuances.

BREVÍSSIMA ALICE

Tatiana Freitas

A IA Semeadora interrompeu seus pensamentos.

- Tudo bem, Alice? Suas sinapses estão intensas essa manhã.

- Sim. Acho que eu estava sonhando com minha mãe - revelou sorrindo.

A voz imaterial silenciou enquanto avaliava a resposta.

- Unidade 800.008 apresenta dismorfia neuropsíquica. Registrar suspeita de outro caso de obsolescência programada por agentes subversivos. Denunciar evento à Corregedoria para investigação. Rejeitar objeto.

Soou novamente a nota musical, mas desta vez foi breve e aguda. Em segundos, um nano circuito do bio-chip cerebral entrou em colapso. A jovem caiu ao chão, desligada como uma boneca.

Tatiana Freitas, gaúcha que vive em Florianópolis, já foi professora, modelo e manequim profissional, e ilustradora. Graduiu-se em ciências jurídicas e sociais, tornando-se especialista em direito penal e processual penal, tendo atuado como assessora jurídica. Além de advogada e escritora, também é mãe (de gente e de pet), esposa, filha, irmã e outras tantas. Uma constante? Sua paixão por ler, escrever, desenhar e viajar. Atualmente sua prioridade é a produção de literatura ficcional. Participa do [Curso Online de Formação de Escritores](#)